

**A Criação Literária**, objeto desta revista, trata dos processos da escrita autoral. Essa produção, como sabemos, não se dá no vazio e não parte do nada. Seu universo de conexões começa nos processos cognitivos envolvidos na escrita até a leitura crítica de obras publicadas. Atravessa, obrigatoriamente, o ensino da escrita literária e a pedagogia envolvida na formação de um escritor dentro de um programa de escrita. Além disso, a criação literária se nutre, desde sempre, da reflexão de autores a respeito dos próprios processos de escrita.

Em todos os momentos, a criação literária está atenta ao que é contemporâneo, às questões que querem e precisam encontrar uma constituição no mundo real e presente por meio da linguagem. Em nosso caso, mais especificamente, por meio dos usos do nosso idioma, o português.

Por esses princípios, planejamos uma revista que procura percorrer todas as instâncias desse universo. Seja por meio da abertura a recebimentos de ensaios não solicitados, da encomenda direta de textos, ou do aproveitamento de discussões que fomentamos dentro da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz, ao longo do último ano. Soma-se a isso uma breve e significativa amostra dos textos de escritores de nossa pós.

Este terceiro número da revista *Revera – escritos de criação literária do Instituto Vera Cruz*, portanto, aprofunda e alarga esse debate, como vem fazendo desde o primeiro número, com um olhar para o que se produz no Brasil e no exterior.

O escritor português Alexandre Andrade, em seu ensaio “O narrador, nosso semelhante”, faz uma reflexão sofisticada a respeito das possibilidades de um narrador na prosa ficcional contemporânea. Citamos um trecho:

Alguns mestres antigos faziam questão de explicar, com detalhe e protestos de genuinidade, a origem física do texto: encontrado num baú, adquirido numa feira, abandonado num quarto de estalagem. A explicação era o penhor da legitimidade, mas a sua verosimilhança era o que menos importava. O que contava verdadeiramente era a intenção de justificar a existência da ficção no mundo. Eram tempos de muito engenho e muita candura. Hoje, a ficção é uma coisa mundana em que a provocação, a existir, nunca é de natureza ontológica: o discurso narrativo é um dado adquirido, uma emanção sem fonte que dispensa afãs legitimadores. Na sua confortável zona de ninguém, os narradores estão à vontade para serem tão prolixos quanto se queira. É a sua prerrogativa. (...) Assim o pede a credibilidade: um narrador quer-se disciplinado, equânime. Pode ter vistas largas, pode ser mundano e impetuoso, mas nunca traiçoeiro. A falta de credibilidade pode ser um estratagema literário, mas não pode resultar da exibição de falhas de carácter.

Como primeiro texto desta edição, Andrade inaugura um debate que tem sido cada vez mais decisivo: quais as responsabilidades morais dos narradores na prosa ficcional? Desta pergunta se desdobram outras variáveis: que os níveis de consciência esperados de um autor no controle do que podem ou não seus narradores e personagens? Quais são os lugares de fala que podem ser ocupados por essas instâncias narrativas?

É interessante, na sequência, pensarmos que o escritor e professor Luís Roberto Amabile volta no tempo para encontrar em Almeida Garrett uma possível resposta. Em “Escrita Criativa como transgressão: ponderações a partir de *Viagens na minha terra*”, Amabile examina o carácter transgressor do romance que mescla gêneros diversos, como crônica de viagem, ensaio pessoal, crítica literária, opinião política, prosa jornalística e um romance-folhetim.

Há no livro uma presença consciente do autor que, em 1846, já mistura ficção e não ficção e testa os limites da prosa literária. Amabile aproveita a reflexão para discutir como o ensino de criação literária, hoje, às vezes ignora o carácter fundamental de transgressão da obra de arte e recai no ensino de modelos literários, o que é sempre um paradoxo para a escrita autoral.

Esse paradoxo se conformaria na seguinte constatação: um modelo literário impede o surgimento do novo. E o novo é o único material possível da criação literária. Como disse o escritor Javier Cercas, “o romance precisa ser novo para dizer coisas novas; precisa mudar para nos mudar: para nos fazer como nunca fomos”.

É disso que Davi Gonçalves fala em seu artigo “Histórias difusas e indecifráveis: a literatura como registro do efêmero”, ao analisar a simpli-

cidade, potência e novidade do romance *A vida privada das árvores*, de Alejandro Zambra, que discute a múltipla possibilidade de ser e a impossibilidade de controle na vida dos personagens ficcionais.

Escritores e pensadores da escrita: Almeida Garrett, Alejandro Zambra, mas também Davi Gonçalves, Luís Roberto Amabile e Alexandre Andrade. Eis o centro pulsante do projeto editorial desta Revista: promover a reflexão de escritores a respeito da escrita.

É o que fazem, também, Gabriela Aguerre, Silvana Tavano e Natalia Timerman na seção Ensaio Pessoais. As três são ex-alunas de nossa pós e, hoje, autoras publicadas ou professoras de escrita.

Em “Deslocar-se, reunir-se, descobrir-se: os movimentos do viajante e suas narrativas”, Aguerre se arrisca a misturar forma e conteúdo com resultado raro. O ensaio sobre a escrita de viagem é ele mesmo uma viagem que produz tal reflexão, que não poderia se dar de outra maneira. Isto é, forma e conteúdo não podem ser dissociados. É um tipo de escrita ensaística que lembra textos líricos como os de Anne Carson e David Lazar. Lazar, inclusive, tem um ensaio traduzido por Julián Fuks, professor de nossa pós, e publicado nesta edição.

Em “Desejo e motivação”, Lazar discute como o desejo pode contaminar a memória no processo de escrita, e examina a singularidade das motivações que levam os autores a escreverem ensaios ou memórias. Para ele, “as melhores folhas de ensaio são enrugadas, tortas; o ensaio se senta no canto da cama com uma sobancelha erguida”. Essa seria a condição ideal do ensaísta: desconfiar das armadilhas e artimanhas da memória.

É o que faz, também, Silvana Tavano, em “Literatura infantil: a voz da criança na palavra do escritor”, quando relembra como surgiu seu primeiro livro para crianças e, a partir desse fio de memória, investiga os desejos, pulsões e dificuldades envolvidos na escrita para leitores que têm, presumivelmente, capacidades cognitivas e linguísticas não tão elaboradas quanto as dos autores dessas obras. Mas será essa prerrogativa uma limitação ou uma ótima oportunidade para a criação?

A recepção, portanto, de uma obra literária é dimensão que não escapa aos debates da escrita criativa. Natalia Timerman, em “Desafios de se publicar um livro de não ficção no Brasil”, trata desse tema a partir de uma experiência pessoal. Em 2017, ela publicou o livro *Desterro* –

*histórias de um hospital-prisão* e foi surpreendida por uma polêmica envolvendo funcionários do hospital penitenciário em que trabalha como psiquiatra. Timerman discute, aqui, as questões éticas envolvidas quando se escreve um texto de não ficção sobre uma experiência vivida por outra pessoa. Lições apreendidas somente quando a obra vem a público.

Timerman faz uma distinção interessante entre recepção de uma obra literária de ficção e a de não ficção. Numa ficção, por exemplo, não há problemas em retratar a experiência do próximo. Desde que, é claro, se respeite a integridade do personagem (como sugere Alexandre Andrade no ensaio já comentado acima). Na não ficção, o que está em disputa é a dimensão do real e a atuação dos personagens nessa esfera.

É por esse caminho, ainda, que José Miguel Wisnik envereda no ensaio oriundo de sua conferência proferida em outubro de 2017, no Instituto Vera Cruz: “Ficção ou não”. Wisnik investiga as instâncias do *Eu* nas escritas ficcionais e não ficcionais e suas consequências para a literatura. “Sem a possibilidade do outrar-se”, ele escreve, a respeito da função da ficção, “do obliquar-se no outro, de lançar-se ao entrelugar do sujeito e do objeto, do real e do irreal, do possível e do virtual, as narrativas que suportam a realidade entrariam num quase inimaginável colapso centrípeto”.

Por fim, para insistir na missão assumida na primeira edição de *Revera*, a de enriquecer as fontes bibliográficas sobre criação literária em português, apresentamos o texto “Algumas observações sobre a arte da narrativa”, de Phyllis Bentley. Trata-se de um trecho de *Some observations on the art of Narrative*, de 1947, livro que pode ser considerado um clássico e que, de modo claro e didático, expõe, com muitos exemplos, o uso de cenas e sumários na ficção.

Trata-se de uma lacuna relevante no universo da criação literária em língua portuguesa. São poucos os autores de ficção que escreveram ou escrevem textos com reflexões pontuais sobre o emprego de recursos literários.

Por esse motivo, ainda, nos alegramos em apresentar a resenha de um dos raros livros sobre criação literária publicados no Brasil: *Ciências Contáveis – ensaios sobre a Escrita Criativa*.

Fechamos esta edição com cinco textos de escritores da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz, divididos em duas

categorias: Ficção e Não Ficção. São exemplos da força, da pertinência e da necessidade da escrita contemporânea. Nessa pequena amostra, vemos como cada autor investiga universos próprios e como revelam, nas entrelinhas, terem consciência dos temas que discutem os demais escritores que colaboram com esta *Revera*.

É nisso que acreditamos. Não há escrita potente sem a reflexão sobre a própria escrita e seus processos criativos. O que fazemos aqui, portanto, é compartilhar com vocês alguns possíveis caminhos de autoridade.

Boa leitura.

**Os editores**